

ESPECIAL



Carmen: imagem da política de boa vizinhança

CARMEM MIRANDA: BANANAS IS MY BUSINESS

(Brasil/EUA/Portugal, 1994). De Helena Soldberg.

Único documentário selecionado entre os longas do Festival de Brasília, *Carmem Miranda — Banana is my Business*, de Helena Soldberg, foi produzido para a televisão americana. A cineasta, que se considera *free-lancer*, mora entre Brasil e Estados Unidos e escolheu mostrar a imagem de uma Carmem Miranda que os brasileiros de hoje conhecem pouco, e que também circulou entre os dois países. Soldberg admite que essa proximidade geográfica entre as duas foi um dos motivos que a levou a fazer um filme sobre a "pequena notável", mas ressalta que seu documentário mostra "politicamente a imagem que ela tinha para nós, e que tanto nos incomodou e incomoda até hoje".

O que se descobre no filme de Soldberg é que por trás dos balançandãs, requebros e trejeitos de mão havia uma mulher angustiada com o estrelato e com a busca de identidade. Não se trata de um documentário exclusivamente biográfico. A diretora se permite algumas liberdades ficcionais ao descrever passagens da vida de Carmem Miranda. Usou a atriz Letícia Monte para mostrar um trecho da adolescência da cantora, e o transformista Eric Barreto numa passagem em que Carmem Miranda já era um ídolo "As imagens ficam meio fake", diz Soldberg. "O objetivo é mostrar Carmem como os americanos a viram".

Helena Soldberg levou pouco mais de dois anos e meio para concluir *Carmem Miranda — Banana is my Business*, entre pesquisa, levantamento do material de arquivo, filmagens e montagem. Algumas cenas inéditas da cantora foram obtidas em arquivos da Paramount e da Twentieth-Century Fox. Arquivos pessoais também foram vasculhados, como o de Mário Cunha, hoje com mais de 80 anos, que namorou Carmem entre

1925 e 31. O documentário foi bancado pela produtora Corporation for Public Broadcasting, Rádio e TV portuguesa, Channel Four inglês e Riofilme.

"A imagem de Carmem é tão forte dentro como fora do Brasil", diz Helena Soldberg para justificar outro motivo que a levou a escolher Carmem Miranda como tema de um documentário. O filme mostra uma cantora que, tendo conseguido consagração em Hollywood, sonhava em voltar a morar no Brasil. Mas Carmem era um dos símbolos da política da boa vizinhança, enquanto no Brasil o Estado Novo de Getúlio Vargas mostrava simpatia para com os países do Eixo. Numa recepção à cantora no Cassino da Urca em 1940 prevaleceu um clima gélido e algumas vaias chegaram a se esboçar. "Havia uma classe alta incomodada com o fato de que ela era uma cantora popular", conta Soldberg. "A audiência teve reações diferentes. Os jornais falavam em como era possível ela fazer tanto sucesso fora do Brasil cantando samba, uma música que não era bem vista".

Carmem Miranda — Banana is my Business reúne pontos de vista distintos a respeito da "pequena notável". Os depoimentos são de amigos, colegas e parentes da cantora. Rita Moreno, César Romero, Aurora Miranda, Braguinha e Caribé da Rocha são alguns dos nomes que tentam recompor a identidade de Carmem diante das lentes de Helena Soldberg. A participação do seu documentário no Festival de Brasília está sendo aguardada com expectativa pela diretora. "Existe uma geração jovem que desconhece quem foi Carmem Miranda e me interessa muito a reação desse grupo ao meu filme", diz Helena Soldberg, que antes de lançar comercialmente seu filme pretende inscrevê-lo em outros festivais, o de Berlim e o americano (que aceita co-produções) Sundance.

CURTAS

Cartão Vermelho (1994) —

Direção: Lars Bodanzky. Fotografia de Luiz Adriano Daminello. Com Danilo Ferreira, Felipe de Azevedo, Guilherme de Carvalho, entre outros.

Século XVIII: A Colônia

Dourada (1994) — Direção: Eduardo Escorel. Fotografia de Adrian Cooper. Locução de Othon Bastos.

Século XVIII: A Colônia Dourada, de Eduardo Escorel, delineia um panorama do Brasil barroco, revisitando os séculos XVI, XVII e XVIII. Durante 18 minutos, o filme recupera um pouco do que representou a transferência do eixo econômico do Nordeste para Minas Gerais, especialmente Vila Rica (hoje, Ouro Preto), e as alterações sentidas pela sociedade da época.

À narrativa em off (feita por Othon Bastos) somam-se imagens de dezenas de igrejas, com detalhes da arquitetura, escultura e pintura. Através das obras de pintores como Rugendas e Thomas Ender, o documentário mostra a vida dos escravos e a movimentação sócio-política de personagens como Chico Rei, Tiradentes e outros. Escorel imprime um tom histórico-poético, mostrando cenas captadas de outros filmes.

Cartão Vermelho, filme que abre a programação de curtas no domingo, projeta a história do aprendizado de uma menina no cotidiano de uma turma de meninos que joga futebol. O filme é baseado em um texto de Jane Mara, premiado em um concurso de contos eróticos. A menina gosta de chutar a bola no ponto mais vulnerável dos meninos. Mas, aos poucos, as diferenças vão se delineando no cotidiano das brincadeiras.

O filme é dirigido por Lara Bodanzky, que se esmerou na preparação das crianças para desempenhar o trabalho de atores. A fotografia de *Cartão Vermelho* é de Luiz Adriano Daminello.